

Luísa costa gomes

# José matias

entretém para quatro mulheres



*A experimentação teatral desempenha um papel decisivo no projecto Ensemble - Sociedade de Actores. Concretiza-se não só na investigação de técnicas de expressão, em estúdio, mas também no ensaio de novas escritas. É assim que surgem, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, as encomendas a autores de textos dirigidos a elencos específicos, que são trabalhados em conjunto ao longo de meses até se materializarem em espectáculos. Porque estas experiências se tecem com afectos e cumplicidades, convidámos a Luísa, que criou para nós em 98 "Arte da Conversação", já editada pela Cotovia, e desta vez "José Matias Entretém Para Quatro Mulheres". Neste ano de 2002, em que regressámos aos grandes clássicos da dramaturgia universal e produzimos Hamlet, pareceu-nos oportuno fazer de José Matias a primeira edição Ensemble, procurando corresponder ao interesse que o público sempre tem manifestado pelos textos originais que levamos à cena, e contribuir, também, para uma maior divulgação das novas dramaturgias.*



**ensemble**  
Sociedade de actores

elenco da estreia de  
**José Matias**  
**entretém para quatro mulheres**

pelo ensemble - sociedade de actores  
no teatro rivoli | pequeno auditório  
em 27 de dezembro de 2002

**márcia breia** maria antónia  
**emília silvestre** helena  
**claudia silva** carla  
**paula seabra** cristina  
encenação **nuno carinhas**

{ personagens

**Maria Antónia** é a mulher de José Matias.

**Cristina** é a amante de José Matias.

**Carla** é a filha de Maria Antónia e de José Matias.

**Helena** é a amiga de José Matias.

**Lika**, o cão de Maria Antónia



*(Quando o pano abre, Maria Antónia está deitada no chão, à boca de cena, abraçada ao cão, Lika. Rebolam-se os dois, ela fala-lhe com imensa ternura, como a uma criança muito pequena e faz-lhe festas).*

**Maria Antónia** Então, que tal te correu dia? Quem é o cão mais lindo? Olha para ti, como tu és um cão bonito... Tens os dentes todos, comes bem, vês bem, cheiras bem, tens o pêlo brilhante, não tens de pagar as contas, que é que tu sabes da vida, meu animal? Hã? Que é que tu queres mais? Estiveste aqui todo o dia sentado em cima do rabo a ouvir as cantigas da Ludmilla *(inventa uma cantiga meio búlgara, em tom muito agudo, o cão arrebita a orelha)*. Pois é, a mim também me assusta, mas o que é que queres? Ela passa bem a ferro. Ela faz um bacalhau com natas que é uma delícia. Isto não há como os Russos para o bacalhau com natas. Pois olha, eu, aqui onde me vês, dois estômagos e um fígado. Logo pela manhã, a seguir ao pequeno almoço. E depois a ronda dos operados, a ronda dos operáveis, depois opera-se... é muita ópera... E tu aqui sentado nos posteriores. Um estômago muito mauzinho, todo todo lixadinho... E o fígado não se safa, não se safa, não senhor. *(Faz-lhe festas na barriga)* Gostas assim na barriguinha, meu malandro, assim na barriguinha....

*(Ouve-se uma chave na porta de entrada, Maria Antónia levanta-se dum salto, faz "chiu!" para o cão, afasta-o, calça-se precipitadamente, penteia-se, compõe-se e senta-se no sofá, muito sonsa. Pega no uísque que estava em cima da mesinha de centro).*

## cena 2.

**Carla** Já chegou?

**Maria Antónia** Não.

**Carla** A que horas chega?

**Maria Antónia** Não sei.

**Carla** Disse alguma coisa?

**Maria Antónia** Não.

*(Pausa)*

**Maria Antónia** Mas podemos ir jantando se quiseres. Está tudo pronto.

**Carla** Não, não. Esperamos.

*(Carla olha para o cão, fria) Para a cozinha, já! Cheiras mal, cão nojento. (O cão não se mexe. Carla começa a arrumar a sala. Pega no desodorizante de ambiente e asperge o ar, sobretudo para os lados de Maria Antónia. Maria Antónia pega no maço de tabaco que está em cima da mesa).*

**Carla** Não vais fumar, espero?

*(Maria Antónia larga o maço. Segue, com alguma ansiedade, os movimentos de Carla, que continua a arrumar uma sala arrumada, alisando os objectos.)*

**Carla** *(sem olhar para Maria Antónia)* Estiveste outra vez a brincar com o cão. Estás toda cheia de pêlos.

**Maria Antónia** *(sacudindo-se)* Mas conta do Frederico. Sempre vão passar o fim de semana fora?

**Carla** *(olha ansiosa para a porta)* Pareceu-me ouvir alguém... Porque é que não te vais arranjar um bocado? Estás toda despenhada, toda ponta acima ponta abaixo. Parece que foste apanhada no lixo. Depois admiras-te!

**Maria Antónia** *(apanha a carteira do chão, tira um espelhinho, mira-se)* Admiro-me... *(penteia-se com as mãos. Sofre as brutalidades de Carla com inteira serenidade).*

*(Carla vai para a esquerda, para a cozinha, põe-se a cheirar o ar).*

**Carla** Não me digas que é outra vez bacalhau com natas.

**Maria Antónia** O teu pai gosta.

**Carla** Mas não pode.

**Maria Antónia** Ele saladas não come.

**Carla** Aprendes a disfarçar as vitaminas. Não gosta de tomate, disfarças o tomate, não gosta de cenoura, disfarças...

**Maria Antónia** Disfarço-a de quê? De nabo? Ponho-lhe uns bigodes e uma barba, é?

*(Pega no controlo, acende a televisão, Carla pára, escandalizada)*

**Carla** Agora até vês televisão! Mas que alarvice! Qualquer dia chego a casa e estás aí deitada no chão, descalça, a rebo-lar-te pela sala com o cão...

cena 3. )

*(Cristina chora convulsivamente. Veste um pijama muito velho e meias de lã, e é a viva imagem do desespero. Tem na mão um caderninho pequeno de capa cartonada preta. Arremessa o caderninho para longe. Pára de chorar, passa uma corda por uma trave, sobe para um banquinho, passa a corda pelo pescoço. Suspira, chuta o banquinho, cai a trave, ela cai também e fica sentada no chão, de pernas estendidas; respira ofegante, alarga o nó, muito aflita, tira o nó, tosse muito, com as mãos na garganta. Pausa. Recomeça a chorar. A cena é grotesca).*

*(Na cozinha de Helena. Ao centro uma bancada, à direita uma mesa com quatro cadeiras pequenas e frágeis, à esquerda um armário velho, enorme. Desproporção entre o armário e o conjunto de mesa e cadeiras. Ao fundo, a bateria de máquinas e um frigorífico. Helena está a fazer uma salada e ao mesmo tempo fala ao telefone. Tem o telefone sem fios entalado entre a cabeça e o ombro. A ideia da cena é que cada gesto na fabricação da salada possa fornecer algum contraponto ao que Helena diz. De vez em quando acaba uma etapa da salada, abre um tupperware, põe os vegetais lá dentro, fecha hermeticamente, abre a porta do frigorífico, onde vemos dezenas de caixinhas iguais cheias de salada).*

**Helena** ....os homens querem é uma mãezinha que tome conta deles, não largam as mulheres nunca, só para substituírem uma mãezinha por outra... E têm um medo delas... Coitado do desgraçado! Não, a Maria Antónia sempre foi muito pachola, apaparcava-o muito, agora é que... Sim, mas desleixou-se, deixou-se engordar, não se trata... E tem aquela paixão doentia pelo cão. A miúda? Completamente insuportável, daquelas muito certinhas, cheia de manias, e tem de jantar sopa e prato às oito em ponto, e anda-me com uma fieirazinha de pérolas, parece a carolina do mónaco quando tinha a mania que era princesa... só à estalada... Não, é tudo à custa dos pais, e precisa dum computador portátil, e depois precisa de livros de arte caríssimos... parece que tem um emprego, diz que é no museu não sei de quê, eu não

acredito muito, só a vejo é fazer compras e falar ao telemóvel... É muito aldrabona... Coitado, não teve sorte nenhuma... As mulheres, realmente, é preciso uma paciência... e todo aquele mulherio o manipula, é um pau mandado, um homem com o currículo dele! Grego e Latim! Quem é que hoje sabe Grego e Latim? Um tipo inteligentíssimo, e duma sensibilidade, uma sabedoria de vida... Mas é assim, o que é que queres? As pessoas matam-se para não ficarem sozinhas. E ele aguenta-se sozinho? Não, a mulher ainda é a que liga menos, a miúda é que controla aquilo tudo... (Pausa) Espera, mãe, tenho outra chamada, deixa-me ver quem é... (Põe a chamada em espera, atende a outra linha) Zé! Estava mesmo a falar de ti... Ai foi? Outra vez? Merda...! Vais lá? Não, deixa, eu tenho a chave.

(Pausa) Ora, para que é que servem os amigos?